

# viver.

## Reportagem Cultural

# UM SOM DIFERENTE PARA O PESSOAL DANÇAR

Marcello Campos, especial para o JC

O plano de montar uma banda é algo mais velho que o rock'n'roll. Reunir a rapaziada, ensaiar repertório, obter espaço, sucesso, grana, diversão e reconhecimento. Antes que o gênero musical norte-americano desembarcasse de vez em Porto Alegre, doses cavaleares de energia juvenil eram investidas em um movimento que, embora não exclusivo da cidade, dela se tornou um dos emblemas culturais dos anos 1950: os conjuntos melódicos. Piano, acordeon, guitarra, contrabaixo, bateria, ritmo e voz, em uma versão 'de bolso' das orquestras que haviam dominado o cenário nas décadas anteriores. Sua combinação de repertório eclético e sonoridade suave serviu boa parte da trilha sonora de um tempo no qual dançar tinha *status* semelhante ao dos atuais aplicativos de relacionamento.

Dá para estimar em ao menos 80 o número de formações com esse perfil na capital gaúcha até a década seguinte. Em meio a uma maioria de duração fugaz, a projeção, longevidade e discos gravados destacariam os grupos de Norberto Baldauf (recordista, com quase 60 anos de atuação), Peixoto Primo, Renato Maciel de Sá, os conjuntos Flamingo e Flamboyant. Sobre este último há um ponto diferenciado na memória de quem viveu o período ou se dedicou a destrinchá-lo, devido a uma singularidade associada ao flerte com o jazz (de forma mais explícita que pelos concorrentes) e ao protagonismo como berço de talentos nacionais e interna-

cionais. “Dessa cena toda, foi o maior exportador de integrantes, inclusive para fora do País”, confirma o músico e pesquisador Arthur de Faria.

Nada de extraordinário teve o início dessa história, deflagrada em 1959 por três instrumentistas de eventos, boates e rádios locais. De olho nas oportunidades de trabalho em um mercado então praticamente inesgotável, Norberto ‘Alemão’ Rockstroh (acordeon), Arnaldo ‘Ciganinho’ Barbosa (guitarra) e Sadi Silva (contrabaixo) se apresentavam como trio e depois acrescidos de André Sebenello (piano), Vladimir ‘Bigode’ Lattuada (sax, flauta), Nilton Baraldo (bateria) e Nei Junqueira (ritmo). Estavam convictos de tudo – menos do nome do hepteto, e aí está o primeiro fato pitoresco envolvendo o projeto.

Em depoimento a pesquisadores em 2005, o colunista de jornal e *disc-jockey* Paulo Deniz (1939-2007) confirmaria a paternidade da ideia:

“Eles discutiam o assunto em um dos bancos da Praça da Alfândega quando me aproximei, à tardinha, já conhecendo quase todos ali. Inicialmente não quis me meter, mas, ao perceber o chão repleto de folhas perto da Rua da Praia, durante o outono, sugeri na mesma hora que batizassem o grupo de ‘Flamboyant’, por causa da árvore, bela e frondosa... Eles adoraram a ideia, que acabou vingando. Mas algum tempo depois, alertado por um conhecido que entendia de botânica e tal, fiquei sabendo que, na verdade, eu tinha visto um jacarandá ou algo do tipo. Mas já era tarde para voltar atrás, porque o su-



Conjunto porto-alegrense Flamboyant se destacou na década de 1960 pelo acento jazzístico e projeção de músicos no cenário internacional

cesso dos guris foi meio rápido e o nome já estava circulando por toda parte”.

Passados três meses, entraram em ação novos padrinhos. Convidado pelo antenadíssimo Glênio Reis (1928-2014) a participar de seu programa *Falando de Discos*, na Rádio Farroupilha, o septeto caiu nas

graças de um diretor artístico da emissora. “O contrato foi imediato e pouco depois já se apresentavam em todas as festas de auditório da PRH-2. Da curiosidade até o aplauso foi um passo”, frisou reportagem especial de página dupla na Revista do Globo em abril de 1961. Aquela altura, o Flamboyant

- com algumas mudanças em seus componentes - já acrescentara a seu percurso artístico algumas mudanças de componentes, a atuação no elenco inaugural da TV Piratini e um dos melhores LPs de artistas gaúchos na época.

**Leia mais na página central**

## crítica



Antonio Hohlfeldt

## Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Uma Medeia vingativa e arrebatadora

A dramaturgia de Eurípides é considerada a gênese do drama contemporâneo. Seus personagens, dentre os quais Medeia, defendem sua individualidade. Talvez por isso, aquela figura tenha alcançado uma repercussão tão grande entre os dramaturgos do mundo antigo, além dos gregos. Só entre os dramaturgos latinos, cerca de dez autores trouxeram à cena, sob perspectivas as mais diversas, a história da princesa da Cólquida. A versão de Sêneca é caracterizada pela ênfase na figura da mãe dolorosa, mais do que a princesa errante, que marca outros textos. Sempre houve, contudo, uma tradição de que os trabalhos de Sêneca, por sua violência naturalista exacerbada, não seriam encenáveis. Parece que o diretor Gabriel Villela não acreditou nisso e ousou concretizar a encenação deste texto. O resultado, em hora e meia de espetáculo a que assistimos no Teatro Simões Lopes Neto, é altamente impactante e inesquecível.

Para quem quiser conhecer o texto de Sêneca, com fidelidade ao original latino, sugiro o livro *Medeias latinas*, com organização, tradução e notas de Márcio Meirelles Gouvêa Junior, em edição bilíngue (Autêntica, 2014). Deve-se, antes de tudo, admirar a qualidade dramaturgical do texto: durante uma hora inteira assistimos às expressões de dor e de ódio, que provocam os desejos de vingança da personagem. Só na meia hora final as ações se precipitam: Medeia entrega aos filhos os presentes dirigidos à Princesa Creusa, nova esposa de Jasão, e ao pai da princesa, o rei Creonte. Ambos serão consumidos pelo fogo e pelos venenos impregnados nos tecidos presenteados. No segundo e mais difícil movimento, Medeia mata aos dois filhos, sendo que o segundo em presença do pai, culminando assim sua vingança. Fiel ao mito original, o que provocou uma crítica de Aristóteles ao que ele chamou de *deus ex machina*, Medeia foge num carro alado enviado pelos deuses para salvá-la.

Para realizar um espetáculo desses, um diretor de teatro precisa estar muito maduro e ter fortes convicções conceituais quanto ao que seja um espetáculo de teatro. Gabriel Villela explorou ao máximo as sugestões aterrorizantes dos textos. A cortina vermelha que esconde a cena do público traz, como se dependurado do teto, um enorme morcego, evidente referência a Medeia, mas também aos filmes de terror. Medeia é uma bebedora de sangue, como os morcegos hematófagos - mas, sendo bruxa, ela não o faz como vampiro, mas simbolicamente, destruindo seus inimigos.

O espetáculo de Gabriel Villela é um projeto absolutamente pessoal: ele assina direção e figurinos, com cenografia de J. C. Serroni. Quando a cortina se abriu, pensei estar diante de um espetáculo de teatro japonês; depois, era como se tivéssemos porcelanas chinesas gigantescas; mas as máscaras podiam remeter ao próprio teatro grego, ainda que as palhas e coloridos múltiplos fossem referências à arte indígena brasileira. O colorido é esfuziante, mas sempre sob a tutela do vermelho, típico dos crimes de sangue.

A tríade que personifica Medeia é outra ideia surpreendente: Rosana Stavis e Mariana Muniz, e depois Walderez de Barros, cada uma enriquece a nuançada Medeia. Aliás, a coragem de trazer Walderez à boca de cena para, sentada de óculos diante de uma mesa de trabalho, ler o longo texto de que a encarregaram, e acabar aplaudida em cena aberta, é daqueles milagres de emoção que só o teatro possibilita.

A trilha sonora de Carlos Zimble e a iluminação de Wagner Freire arrematam o arrebatador projeto, que deixou a todos boquiabertos: raras vezes vi, no teatro, uma plateia tão emocionada e tão surpreendida. O que mais ouvi foi a pergunta: o que é isso?! É simples: isso é teatro, e Gabriel Villela mostrou que é um extraordinário diretor de teatro. Sêneca teria gostado muito de ver seu texto assim valorizado.

Há uma tradição de que Sêneca, por sua violência naturalista, não seria encenável. Gabriel Villela não parece acreditar nisso

## acontece

## Último EP do Sepultura, *The Cloud of Unknowing* traz lenda do metal bem longe da decadência

Igor Natusch

Lançado em meio aos últimos movimentos da turnê de despedida do Sepultura, *The Cloud of Unknowing* é um EP que cumpre uma série de funções. É, por exemplo, a única chance de ouvir, em estúdio, o baterista Greyson Nekrutman ao lado de Andreas Kisser (guitarra), Paulo Jr. (baixo) e Derrick Green (voz), que carregam juntos a bandeira do conjunto há quase 30 dos mais de 40 anos de banda. Serve igualmente como uma derradeira (embora curta) declaração musical de um fenômeno que, nascido no Brasil, mudou os rumos do heavy metal em todo o mundo. E também demonstra que o momento de renovada criatividade da banda - que alcançou o auge com o excelente *Quadra* (2020), um dos melhores trabalhos de toda a história do grupo - se mantém forte, coerente com a visão de quem escolhe deixar os palcos antes de ser engolido pelo decadência.

As quatro músicas de *The Cloud of Unknowing* expressam, com bastante clareza, a sensação de liberdade e o descompromisso sadio de uma banda que, contemplando o próprio fim, simplesmente faz o que dá na telha. *All Souls Rising* abre o trabalho de forma emblemática: começa de forma súbita e absolutamente brutal (remetendo, inclusive, ao proto-death metal dos tempos de *Morbid Visions*, de 1985) e, menos de 30 segundos depois, quebra subitamente em arranjos orquestrais, conduzidos por uma batida de bateria *mezzo jazzística*, *mezzo marcial*. É quase como se, com menos de um minuto de música, o Sepultura estivesse dizendo: saímos de lá, chegamos aqui, e fizemos de tudo pelo meio do caminho. Ao final da faixa (cujas partes são amarradas por um refrão perfeitamente 'cantável', embora para lá de agressivo), o saldo é bastante positivo, e não é de se duvidar que *All Souls Rising* seja devidamente acrescentada aos derradeiros shows da *tour*.

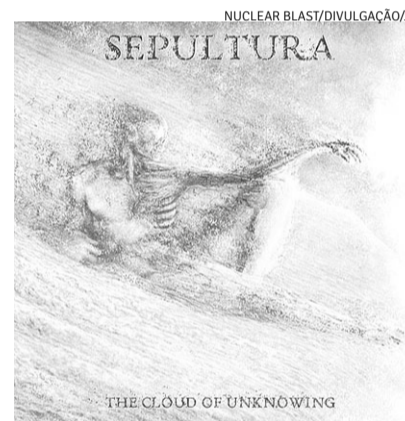
A disposição do Sepultura em desafiar a si mesmo é elogiável, mas nem sempre funciona plenamente. A balada *Beyond the Dream* (única canção do tipo em todo o repertório da banda) não é ruim, e dá a Derrick Green uma rara

chance de mostrar que sua voz limpa funciona bastante bem. Mas a nítida sensação é de que a canção saiu do forno antes da hora, soando genérica e talvez um pouco curta para levar a ideia que a origina às últimas consequências. *Sacred Books* também parece ter uma duração menor do que a soma de suas ideias permitiria, embora por motivos diferentes: não bastasse a inventividade dos arranjos (tem até um solo de piano no meio do caminho), é a faixa na qual Greyson Nekrutman mais se permite explorar suas influências de jazz, com resultados tão interessantes que a gente fica querendo que a quebradeira durasse um pouquinho mais.

O EP se encerra com *The Place*, que trabalha os elementos típicos do som do Sepultura a partir de uma perspectiva quase progressiva. A combinação pode parecer esquisita, mas funciona bem melhor ouvida do que descrita em texto: o clima é ao mesmo tempo incômodo e envolvente, como se estivéssemos entrando em uma casa noturna suja, barulhenta e sombria, mas estranhamente acolhedora. Talvez seja a sensação de entender que o nosso

lugar está no fora do comum, vai saber. Seja como for, é uma canção poderosa - e, se for mesmo a última do repertório do Sepultura, terá sido uma forma bastante adequada de encerrar o legado de semelhante instituição metálica.

Turnês de despedida são um conceito meio fluido no mundo do rock pesado, e exemplos de bandas que desistiram do adeus no meio do caminho não nos faltam. Por enquanto, o Sepultura se mantém convicto na ideia de encerrar atividades - mas a verdade é que nunca se sabe, e não é nada impossível que a banda siga ativa de uma forma ou de outra, agora mesmo ou em um futuro não muito distante. Seja como for, há muito de respeitável em ver uma banda decidindo os limites do próprio legado, e *The Cloud of Unknowing* demonstra que a escolha pelo fim nada tem a ver com comodismo ou falta do que dizer. Além de servir como boa desculpa, caso mudem de ideia: se for para seguir entregando música desse calibre, podem cancelar o adeus, que a gente aceita sem reclamar.



# fique ligado

## Jornada de três horas pelo metal progressivo

Um dos principais nomes do heavy metal e do rock progressivo na atualidade, o Dream Theater retorna a Porto Alegre neste domingo, trazendo a turnê *An Evening with Dream Theater* ao Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Em um espetáculo de aproximadamente 3 horas de duração, será tocada a íntegra do mais recente LP da banda, *Para-*

*somnia*, além de uma celebração ao disco *A Change of Seasons*, lendário trabalho de 1992. Ainda há ingressos no site Fastix, com valores a partir de R\$ 330,00.

Lançado em fevereiro de 2025, *Parasomnia* consolidou mais um marco na trajetória da banda ao estrear no topo das paradas especializadas. Com 71 minutos de duração, a obra traz

uma abordagem conceitual sobre distúrbios do sono, e marca o retorno do lendário baterista Mike Portnoy à formação. Além dele, a banda atualmente reúne James LaBrie (voz), John Petrucci (guitarra), John Myung (baixo) e Jordan Rudess (teclados), formação que moldou alguns dos capítulos mais importantes da discografia do conjunto.

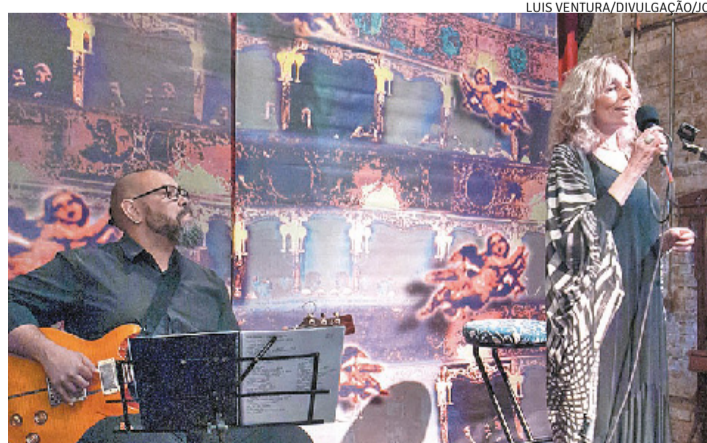


Show de domingo traz formação que gravou discos clássicos da banda, com retorno do baterista Mike Portnoy (esq)

## O lado musical de Liana Timm

Artista em diferentes formatos, Liana Timm agora une-se ao instrumentista Daniel Rosa para explorar sua versão musicista no show *Affectus*, que acontece nesta quinta-feira, a partir das 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). Conectada à mostra de artes visuais de mesmo nome (em cartaz até 10 de maio na galeria de arte do Multipalco Eva Sopher), a apresentação musical tem como tema central

a simultaneidade do mundo contemporâneo e sua predominância em nossas rotinas e decisões. No palco, músicas brasileiras, portuguesas, standards de jazz, tangos e boleros, entremeados por poesias de sua autoria (com a participação especial de Dione Detanico), histórias e curiosidades sobre compositores e cantores. Ingressos no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco, a partir de R\$ 50,00.



Multitartista solta a voz ao lado do instrumentista Daniel Rosa

## Relembrando o encontro entre Elis e Tom

Nesta quinta-feira, às 20h30min, a SimJazz Orquestra apresenta o concerto *Elis & Tom: Esse Amor, Uma Canção*, no Salão de Atos da Pucrs (Ipiranga, 6.681). O espetáculo traz novos arranjos para o álbum que marcou a história da música brasileira. Ingressos esgotados.

Sob a direção artística, arranjos e regência de Edu Martins, o concerto parte do encontro entre Elis Regina e Tom Jobim, realizado em 1974, no estúdio MGM, em Los Angeles, que deu origem ao álbum *Elis & Tom*. As canções são interpretadas por Marília Piovesan, Rodrigo Fischmann e Rê Adegas, que se revezam em números solo e também dividem o palco em momentos coletivos.

A proposta do concerto não é reproduzir o disco na íntegra, mas explorar artisticamente o encontro entre esses dois grandes artistas. O repertório reúne 13 canções, incluindo faixas do álbum original – como *Águas de Março*, *Corcovado*, *Triste* e *Só Tinha de Ser Com Você* –, além de músicas associadas às trajetórias individuais de Elis Regina e Tom Jobim, como *Como Nossos Pais*, *O Bêbado e a Equilibrista*, *Chega de Saudade* e *Desafinado*.

## AGENDA

### QUINTA-FEIRA, 30 DE ABRIL

⌚ **19h30min** - Ospa apresenta obras de Bach, Vivaldi e Mehmari no Santuário Santa Teresinha, em frente ao Parque da Redenção. Regência de Fernando Cordella e participação do saxofonista Emiliano Barri. Gratuito, com transmissão pelo canal da Ospa no YouTube.

⌚ **20h** - Teatro Sinduscon-RS (Augusto Meyer, 146) dá continuidade à temporada 2026 da Série Consagração com Kako Oliveira e seu *Especial Emilio Santiago*. A entrada é franca.

⌚ **20h** - Airton Pimentel é homenageado no show *Menestrel*, com Pirsca Grecco, Orquestra de Câmara FORMA e convidados. No Instituto Ling (João Caetano, 440). R\$ 50,00, com opções de meia-entrada, no site e bilheteria do espaço cultural.

⌚ **21h** - Liderado por guitarrista radicado em Nova York, Chico Pinheiro Trio traz jazz e música brasileira ao palco do Grezz (Almirante Barroso, 328). A partir de R\$ 45,00, em terceiro lote, no Sympla.

⌚ **23h** - Projeto que reúne os artistas Febem, CESRV e Fleezus, Brime se apresenta no Opinião (José do Patrocínio, 834) em uma noite de hip hop, trap e grime. A partir de R\$ 70,00 no Sympla.

### SEXTA-FEIRA, 1º DE MAIO

⌚ **Das 10h às 23h** - Festival dos Trabalhadores na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, promovido pelas regionais gaúchas das centrais sindicais CUT e CTB. Shows de Chico Chico e escola Imperadores do Samba, cortejo do Bloco da Laje e esquetes com o grupo Oi Nóis Aqui Traveiz, além de economia solidária e cozinhas coletivas. Livre.

⌚ **16h** - Banda Saldanha realiza seu 47º Arrastão, em homenagem ao Dia do Trabalhador. Concentração na pista de skate da Orla do Guaíba e desfile em direção à sua sede (Padre Cacique, 1.355), onde uma confraternização estará ocorrendo desde 11h30min. Livre.

⌚ **21h** - Big Floyd faz show dedicado à banda Pink Floyd, com foco nos álbuns *The Dark Side of the Moon*, *Wish You Were Here* e *The Wall*. No Grezz (Almirante Barroso, 328). A partir de R\$ 30,00 no Sympla.

### SÁBADO, 02 DE MAIO

⌚ **19h** - Turnê do conjunto porto-alegrense Bella e o Olmo da Bruxa, que será acompanhado da banda argentina Buenos Vampiros. No Yerbah Skateshop (Álvaro Chaves, 289), ingressos em blumie.com.br/event/ZRABPKP666.

⌚ **20h** - Espetáculo de dança contemporânea *Ligeiramente Vertical*, da Cia. Gema, investiga os ciclos da vida. No Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). Ingressos no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete domingo, 18h.

⌚ **20h** - Cantor e compositor caxiense Henrique Tibola apresenta músicas de seu primeiro disco de estúdio, que aproxima o blues e as sonoridades indie/pop. No Olho Mágico (Cauduro, 35), R\$ 20,00 no site Uticket.

⌚ **21h** - Propondo a adaptação de elementos da música eletrônica para instrumentos acústicos, com uso ostensivo de naipes de metais, grupo EBBE Brass se apresenta no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R\$ 20,00 no Sympla.

⌚ **21h** - Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) promove encontro inédito entre os guitarristas Paulinho Fagundes e Leo Amuedo no show instrumental *De Mano*. De R\$ 50,00 a R\$ 120,00 no Tri.RS.

### DOMINGO, 03 DE MAIO

⌚ **16h30min** - Festival Hypertroço reúne as bandas de rock alternativo autoral Cidade Dormitório (AL), Jonabug (SP) e tapete tapete (SC), mais as gaúchas QEVA, Supervão e Insira Aqui. Entre R\$ 70,00 e R\$ 140,00 no Sympla.

⌚ **17h** - Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736) recebe nova edição do Samba do Quintana, com participação de Caio Martinez. Gratuito. Em caso de chuva, evento é transferido para o domingo seguinte (10/05).

# reportagem cultural

## Qualidade musical além das fronteiras

Marcello Campos, especial para o JC \*

Bastaram poucos meses para que o Conjunto Flamboyant alcançasse o estrelato dentro e fora de Porto Alegre. Presença constante no roteiro de bailes Rio Grande do Sul afora e com elogiada atuação na Rádio Farroupilha, o melódico embarcou na novidade que chegava aos lares gaúchos em dezembro de 1959: a televisão, através da Piratini. Suas performances instrumentais desde a inauguração agradaram em cheio, sob números próprios ou no acompanhamento de vozes em visita pelo Canal 5, a exemplo de Dóris Monteiro, Moacyr Franco, Sônia Delfino, Roberto Luna e outras estrelas nacionais. Faltava um *crooner* próprio, função assumida em definitivo pelo locutor e cantor Hermes Correa após breve período com o colega Athaide Ferreira ao microfone.

Algumas posições também haviam mudado, com o ingresso e Adão Pinheiro nas teclas e Gercy

Saraiva nas baquetas - por curto período, dando lugar a Lupicínio "Mutinho" Rodrigues, sobrinho do famoso compositor. Aparições constantes nas noites domingueiras com o programa de variedades *Show Wallig* e até um quadro próprio de meia-hora, intitulado *Flamboyant Show*, resultaram no convite para gravar um LP pelo selo carioca Belacap, em 1961. Aos 92 anos, Gercy contextualiza sua saída: "Acontece que eu era bancário e dono do Bar Saraiva, na rua João Alfredo [Cidade Baixa], portanto não tinha como me ausentar da cidade. Chamei o Mutinho para o meu lugar e deu tão certo que ele não saiu mais".

Outro dos poucos membros ainda vivos da turma é o próprio Mutinho, na ativa aos 85 anos. Ele resume a saga do disco, que por pouco não morreu na praia. "Compramos passagem para o Rio de Janeiro, ida e volta, reservamos hotel. Ao chegar lá, descobrimos que o selo responsável pela proposta



Conjunto Flamboyant em foto de 1961, ano em que rumaram ao Rio para gravar o único LP

era independente, não uma gravadora com estrutura, divulgação e tal, então desistimos. Nosso dinheiro acabou e o acordeonista Gaúcho [Áureo Thomas, radicado no Rio]

segurou as pontas por uns dias, bancando nosso almoço, até que o cantor carioca Jamelão, muito amigo do meu tio Lupi, conseguiu que gravássemos na Continental.

Foi um sucesso e todo mundo falou bem do disco, que acabou sendo o único do grupo".



### Pérola fonográfica

Gravado no verão carioca de 1961, o único disco do Flamboyant segue a cartilha eclética e dançante dos conjuntos melódicos, acrescida do acento jazzístico e inventividade responsáveis pela sonoridade diferenciada do grupo. Há de tudo um pouco nas 12 faixas de *O Que Se Dança às Margens do Guaíba*: samba-

canção (incluindo *Exemplo e Nervos de Aço*, de Lupicínio Rodrigues), mambo, baião, chacha-chacha, 'telecoteco' e bossa nova, além da italianíssima *O Sole Mio* vertida para o *beguine* e uma enfezada versão em samba-jazz para a erudita *Tristesse*, composta 130 anos antes pelo francês Frédéric Chopin. E ainda traz o singelo samba *Moreninha*,

estreia do baterista Mutinho como compositor. O músico e pesquisador Arthur de Faria sublinha: "Esse elepê foi super elogiado pela imprensa da época e eleito entre os melhores em diversas listas daquele ano. Mas nunca teve sequer reedição em vinil ou lançamento em CD e continua inexplicavelmente inédito nas plataformas digitais. Acabou

se tornando item de colecionador e, quase sete décadas depois, um exemplar em bom estado pode valer mais de R\$ 300,00 em sites especializados, inclusive no exterior. A mesma situação acontece com os discos de outros melódicos, como os de Norberto Baldauf na Odeon ou Philips, Peixoto Primo pela Mocambo e Conjunto Flamingo na Audio Fidelity".

## Ouvindo no jazz

Após a empreitada fonográfica, uma agenda cada vez mais tomada por eventos sociais, apresentações em programas da PRH-2 (*Vespa Farroupilha*, *Rádio-Sequência*, *Os Brotos Comandam*) e ao menos cinco horas diárias de ensaio nos estúdios da emissora (então instalada em um prédio na avenida Siqueira Campos, próximo ao Mercado Público) mantinham o conjunto afiadíssimo e criativo. A fase também foi pautada pelo aprofundamento do interesse em relação ao jazz e suas diversas ramificações em voga na época, de forma impactante no amadurecimento de uma sonoridade diferenciada mas sem prejuízo ao apelo dançante dos bailes, frequentados por gente de ouvi-



Ao lado da cantora Doris Monteiro, em registro de 1962 na TV Piratini

do mais 'quadrado' e que nem sempre tinha na música em si uma prioridade.

Igualmente decisivo nesse

processo era a copa-franca em discotecas como a do ex-integrante Gercy em seu bar, sempre atualizada com as últimas vertentes do gênero. "A gente estava em sintonia com as novidades que vinham dos Estados Unidos e Europa, teve muita influência do acordeonista norte-americano Art Van Damme, do samba-jazz, esse tipo de som, em questões como arranjos e harmonias, fazendo com que nosso trabalho fosse tecnicamente mais elaborado que o da concorrência, fosse nas baladas mais românticas ou até mesmo no rock'n'roll do Bill Haley", explica Mutinho.

A turma também ficaria conhecida nos meios artísticos por outro ingrediente, sob portas fechadas do sempre aberto espaço de ensaios da Farroupi-

lha, como diverte-se o baterista: "Com exceção de Hermes, Ney e Sadi, mais conservadores, o pessoal fumava maconha direto, em uma época na qual isso era coisa de bandido, aquela história toda. Para nós havia outra ideia, sem maldade, de que isso permitia melhor concentração nos discos que ouvíamos, por exemplo. Aí teve uma ocasião em que o comunicador Salimen Júnior [1934-2011] nos anunciou ao público da emissora como 'A Esquadrilha da Fumaça!'. Nem todo mundo entendeu o motivo da brincadeira, mas mesmo assim ficamos morrendo de medo que o pessoal moralista não chamasse mais a gente para tocar. Felizmente, isso não aconteceu. Mas o apelido acabou pegando e tem colega daquela época que ainda lembra".

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



## Toque feminino

Complemento obrigatório ao desempenho instrumental dos conjuntos melódicos nos bailes, as vozes - em coro ou na figura do cantor - ganharam no Flamboyant um toque feminino logo após a gravação do elepê. Hermes Correa passou a ter como parceira de microfones a paulistana Marcia Elisa, contratada como *lady-crooner* do grupo aos 17 anos, em 1961. Hoje com 82 e aposentada de uma carreira que a consagrou nacionalmente no primeiro time de intérpretes da MPB (assinando apenas como "Marcia"), ela suspira ao revisitar mentalmente os dois anos e meio de vivência na cena cultural gaúcha como algo marcante em sua formação pessoal e artística.

"Eu já me apresentava profissionalmente como cantora na Rádio Tupi de São Paulo desde os 16. Acontece que meu pai tinha oficina mecânica e cismou de transferir o negócio para Porto Alegre, decidido a ser também piloto em corridas de rua. Para mim, filha única, e minha mãe, dona-de-casa, não houve escolha senão acompanhá-lo. Levei carta de apresentação pelo diretor artístico da emissora, Cassiano Gabus Mendes, e entrei no cast da Farroupilha, onde surgiu o convite dos rapazes. Foi um período fantástico, de excursões por todo o Estado e muito aprendizado sobre música e posicionamento no palco. Isso tudo até meados de 1963, quando minha família fez novamente as malas. Até hoje sei assar muito bem um churrasco."



Marcia Elisa, uma das vozes femininas no microfone do Flamboyant



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

**CONFEITARIA CACIQUE**  
MÚSICA SELECIONADA NO MELHOR AMBIENTE DA CIDADE!  
APRESENTA DIARIAMENTE DAS 16,30 às 22,30 h.  
TRIO DO  
**CONJUNTO FLAMBOYANT**

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

## De Porto Alegre para o mundo

O auge da popularidade do Flamboyant ocorreu em 1962, ao ser escolhido com milhares de votos o melhor grupo musical de rádio do Rio Grande do Sul, em eleição promovida pelo jornal Última Hora. Já no Festival de Conjuntos organizado pelo jornalista Walter Galvani para a Folha da Tarde, pela segunda vez seguida o vice-campeonato, em disputas apertadíssimas contra o Melódico de Norberto Baldauf - um júri formado por especialistas avaliava critérios como repertório, arranjos e recursos visuais, em apresentações de 15 minutos no ginásio do Grêmio Náutico União ou no Cine-theatro Moinhos de Vento (futuro Cine Coral), por exemplo. Lotados e sempre com filas dobrando a esquina.

A ampla repercussão desses eventos garantia a intensa demanda no circuito de reuniões dançantes por todo o Estado, além de giros em Santa Catarina. Divulgado nos cartazes como 'Flamboyant Show' e já incorporando iluminação especial às apresentações, a moçada migrou para a Rádio e TV Gaúcha (futura RBS) em janeiro de 1964, quando a emissora do comunicador Maurício Sirotsky

Sobrinho completava um ano de atividades. A saída da *lady-crooner* Marcia Elisa dera lugar a eventuais participações de outra jovem em carreira ascendente: Elis Regina, que em março também tomaria o rumo de São Paulo e Rio de Janeiro para se tornar, alguns anos depois, a maior cantora da música popular brasileira.

Aliás, a rotatividade nos microfones e instrumentos marcaria a sobrevida do conjunto, progressivamente descaracterizado em relação à fase áurea. Por períodos relativamente curtos, sua formação abraçou talentos como as cantoras Dalila e Erica Norimar, o acordeonista Breno Sauer, o pianista Aristides Villas-Boas, o baterista Carlos Calcanhotto (pai da estrela Adriana Calcanhotto) e o guitarrista Ary Piassarolo, até o Flamboyant "dar o prefixo e sair do ar" (expressão adotada pelo público durante muito tempo) no início dos anos 1970, embora já estivesse afastado do rádio e TV desde a segunda metade da década anterior. O legado inclui trajetórias de sucesso dentro e fora do Rio Grande do Sul.

Alguns permaneceram na cidade. Foi o caso de Vladimir Lattuada (saxofone, clarinete), di-



Apresentações em canais televisivos como a TV Piratini projetaram a fama do Conjunto Flamboyant por todo o Estado

vidido entre a música e atividades como executivo de rádio. Ou de Sadi Silva (contrabaixo) e Adão Pinheiro (piano), todos em plena atividade até subirem para o mezanino da vida, nos primeiros anos deste século. Menor sorte tiveram Ciganinho (guitarra) e Ney Junqueira (ritmo), ambos falecidos em 1973. O primeiro por motivos de saúde, o segundo em um acidente de trânsito. Outros "subiram" para o Centro do País, como as já citadas Marcia e Elis - suas sucessoras Erica Norimar e Dalila e se estabeleceram, respectivamente,

na Europa e Estados Unidos - mesmo destino de Breno Sauer e Ary Piassarolo, ambos de produção cultuada no jazz internacional.

Em São Paulo se fixaram Norberto Rockstroh (acordeon e piano), como músico da noite, e Mutinho (bateria), este um capítulo à parte: rapidamente enturmado ao primeiro time da MPB, fez parte das bandas de apoio de Vinícius de Moraes e Toquinho, colaboração estendida a parcerias como compositor (incluindo nove das 11 faixas do especial da Rede Globo *Casa de Brinquedos*, de 1983, com

destaque para *O Caderno*, na voz de Chico Buarque e um clássico do moderno cancionário infantil). Arriscou-se, ainda, como intérprete em um compacto e dois CDs, o mais recente em 2023, tudo à disposição nas plataformas YouTube e Spotify. Aos 85 anos, suas baquetas estão hoje a serviço do Quilombola Trio, quatro noites por semana no bar do chiquêrrimo Hotel Fasano. Nada mal para quem despontou no que seu contemporâneo Geraldo Flach (1945-2011) um dia definiu como "o mais louco dos conjuntos melódicos".





Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Milton Hatoum narra traumas de uma geração e a tragédia do País

*Dança de engan* (Companhia das Letras, 256 páginas, R\$ 82,00) é o romance mais recente do multipremiado escritor e professor amazonense Milton Hatoum, nascido em 1952, e se trata do último e extraordinário capítulo da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*. *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019) são os dois primeiros volumes da trilogia.

Neste volume final, um drama familiar com forte pano de fundo histórico e político, estilo que caracteriza o autor, a história é narrada a partir da protagonista Lina e os temas anteriores ganham novas perspectivas. A saga de Martin, o protagonista dos romances anteriores, recebe sentidos e lances imprevisos. Sua jornada em Brasília, no contexto tumultuado da ditadura, e depois em São Paulo, durante o período mais duro dos anos de chumbo, é agora também a de sua mãe, Lina.

Sempre trabalhando muito e bem as relações e conflitos fa-

miliares, o tempo, as grandes e pequenas histórias e a memória, Hatoum, a partir das anotações e da memória de Lina, vai mostrando uma dimensão surpreendente de sua trajetória, cheia de segredos, pessoas, amores, decepções, angústias e, sobretudo, marcada pela ausência do filho.

No emaranhado dos fios da memória, onde o silêncio e o esquecimento são partes imprescindíveis, Lina revisita sua vida e a das pessoas ao seu redor, revelando uma galeria notável de almas desgarradas, que entram e saem da narrativa como se fossem sombras num longo e nebuloso sonho.

Lina lembra o filho Martin, reflete que “nem todas as dúvidas são vazias” e mostra que a memória, onde as coisas acontecem muitas vezes, também pode ser o espaço onde as pessoas esquecem o que não querem lembrar.

Um dos maiores nomes da literatura brasileira atual, com



obras de ficção publicadas em dezessete países, há poucos dias Milton Hatoum tomou posse na Academia Brasileira de Letras. Em 2025, seu nome foi cogitado, com justiça, para receber o Prêmio Nobel de Literatura. Quem sabe os suecos, em outubro, anunciem pela primeira vez um brasileiro? Está mais do que na hora.

## e palavras...

### DIA DO TRABALHO

A origem da palavra trabalho é horrível: vem do latim *tripalium*, instrumento de tortura com três estacas, usado para imobilizar e punir pessoas ou animais. Por isso, por muito tempo, a associação do trabalho com pena, esforço duro e sofrimento. Na Antiguidade, trabalho manual era visto como inferior, e cidadãos livres valorizavam o pensamento e a política, o tal trabalho ‘intelectual’.

Na Idade Média, servos trabalhavam para os senhores e a religião dava um sentido meio moral a isso tudo, dizendo que era um dever. Na Idade Moderna, com a Revolução Industrial, o trabalho passou a ser assalariado e iniciaram as lutas por direitos trabalhistas: oito horas de trabalho, oito de descanso e oito xelins por dia, pediam os trabalhadores. No mundo contemporâneo, o trabalho é para ser fonte de renda, identidade e autonomia. Tecnologia, automação, trabalho remoto e outras novidades estão aí.

A história do trabalho humano, provavelmente, é a parte mais bonita e significativa da história da humanidade. Para a maior parte das pessoas, a relação com o trabalho é a mais longa ou das mais longas da vida. É uma relação consigo mesma, e se a pessoa trabalha com prazer, então, é das maiores realizações da vida. Infelizmente muitos trabalham por necessidade de sustento próprio e da família, por mera obrigação, e passam décadas suportando dificuldades até chegar o momento da aposentadoria. Muitos, infelizmente, não sobrevivem apenas com a aposentadoria e têm que seguir trabalhando.

Felizmente, os ordenamentos legais ligados à medicina, segurança e bem estar físico e psíquico dos trabalhadores têm evoluído no Brasil e no exterior. Para os trabalhadores, para as empresas e para os órgãos públicos, muito melhor que o trabalho seja feito com o maior profissionalismo e com a maior alegria possível. Ginástica laboral, intervalos para alimentação, descanso ou relaxamento, programas de incentivo a ambientes de trabalho saudáveis e incentivo a boas condutas e práticas corporativas sem dúvida são elogiáveis e trazem melhores resultados para todos. Na medida do possível, e seguindo o pensador italiano Domenico De Masi, é bom cultivar o ócio criativo, que certamente vai redundar adiante em trabalho mais produtivo e divertido.

Nesse dia e nos outros é preciso valorizar as pessoas que nos auxiliam no dia a dia, seja nas nossas casas ou quando necessitamos transporte, saúde, mercadorias, serviços e, enfim, sempre que tenhamos contato com trabalhadores que muitas vezes têm salários baixos e ainda por cima se tornam invisíveis por conta da insensibilidade, da falta de educação e de delicadeza de quem se acha superior. Dependemos uns dos outros, somos anjos de uma asa só que precisam se aproximar do próximo para voar. Chamar pelo nome, cumprimentar, sorrir, agradecer, pedir desculpas, falar baixo, dar gorjeta, pedir licença e outras gentilezas vão gerar gentilezas e trabalhos e relações melhores, nesse mundinho barulhento, estressado e briguento.

## lançamentos



► **O Pensamento de Guilherme Socias Villela e o olhar de um cronista** (Bá Editora, 184 páginas), organizado pelo renomado advogado e escritor Eduardo Battaglia Krause, com apresentações de Gabriel Souza e Deborah Villela, traz artigos de um dos maiores prefeitos de Porto Alegre, escritos ao longo de uma vida familiar e profissional plena, que muito beneficiou os cidadãos e a cidade.



► **Histórias Miseráveis** (Maralto, 160 páginas), de José Castello, grande jornalista, cronista, romancista e biógrafo, com seleção, organização e apresentação de Rogério Pereira, jornalista, editor e escritor, tem 35 crônicas literárias, muito bem escritas, sobre jornalismo, curiosidade, vida, perguntas, pessoas e situações do cotidiano inspiradoras que o autor, generoso e bem humorado, nos oferece.



► **Pintor, Despintor, Faxineiro, Doutor** o Iberê Camargo (Reler, 210 páginas), da arquiteta Christina Thereza Dias de Aguiar e do geólogo Enio Soliani Júnior, traz textos saborosos sobre Iberê e sua obra, frutos de uma convivência amiga de doze anos. Dezenas de fotos das obras de Iberê estão no volume, apresentado com carinho pela consagrada galerista Tina Zappoli.

## a propósito

Por falar em trabalho, é bom sempre lembrar uma bela tradição japonesa: no Japão não existe aposentadoria total, o tal ócio com dignidade. Depois que se aposentam os japoneses seguem trabalhando em empregos mais leves ou fazendo alguma outra coisa, como trabalho voluntário, artesanato, estudos, exercícios, cuidados com a casa,

cultivo de horta e/ou jardim, auxílio para os necessitados da comunidade e outras ocupações. Eles procuram ter um propósito, um bom motivo para levantar da cama e seguir se ocupando até que a saúde permita. Como dizia o Dr. Cyro Martins, quem não se ocupa, se preocupa. Feliz Dia do Trabalho feliz!

(Jaime Cimenti)

# pensando cultura

VINÍCIUS COIMBRA/DIVULGAÇÃO/JC

**Morte em Veneza cumpre temporada no Teatro Simões Lopes Neto nesta quinta e sexta-feira**



## Roberto Cordovani em espetáculo que espelha dilemas contemporâneos

Adriana Lampert

Espectáculo teatral estrelado por Roberto Cordovani (que marcou o público como o vilão Sebastião da novela *Novo Mundo*, da Rede Globo), *Morte em Veneza* chega ao Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) no Multipalco Eva Sopher, para apresentações nesta quinta-feira e na sexta, sempre às 20h. Fruto de uma colaboração íntima e meticulosa entre o ator e o diretor Vinícius Coimbra, a peça é uma adaptação do clássico homônimo do autor alemão Thomas Mann (1875 - 1955), que espelha dilemas contemporâneos como solidão, etarismo, negacionismo, crises sanitárias e repressão identitária. Os ingressos custam R\$ 80,00 (meia-entrada) e R\$ 160,00 (inteira) e estão à venda no site do Teatro São Pedro.

A trama narra a história de Gustav von Aschenbach, um escritor de Munique, viúvo e pai de uma jovem que mora em Berlim. Cansado da monotonia de sua rotina, ele resolve tirar férias em Veneza, na Itália, em maio de 1911. O protagonista (interpretado por Cordovani) se hospeda em um hotel de luxo e acaba se encantando pelo jovem Tadzio, de 19 anos, cuja beleza o deixa obcecado. Cordovani diz que aborda essa “obsessão” não apenas como um desejo físico, mas como uma idealização estética e existencial que beira o espiritual. O ator descreve que seu personagem enxerga Tadzio como uma figura

quase divina, uma “escultura grega”, que desperta no protagonista uma cegueira apaixonada e uma vontade de romper com toda a sua vida anterior. “À primeira vista, poderíamos classificar a obra como uma história homoafetiva. No entanto, muitas outras questões vão além da sexualidade do protagonista, como a redescoberta pelas alegrias da vida e a ideia fixa do escritor na busca pelo belo. São múltiplas interpretações que a gente leva para o palco, como a de Aschenbach se dando conta de que não viveu metade daquilo que está descobrindo”, reflete o artista, destacando que a obra investiga como as pessoas ainda vivem em função de agradar o outro antes de se perguntarem o que é melhor para si mesmas. “Outra questão é a ligação com a aceitação da própria finitude, diante da peste de cólera que ocorreu em 1912, além de uma reflexão sobre a solidão que habita em nós. É um reconhecimento das lacunas que cada ser humano tem dentro de si e que pode morrer feliz.”

Cordovani conta que o processo de transposição da obra de Thomas Mann (Nobel de Literatura) para o palco foi um exercício de lapidação: o texto inicial de 80 páginas foi reduzido, após cerca de 70 revisões, para apenas 16 páginas. “Toda a estrutura e os diálogos do livro estão lá, só tiramos o excesso de narrativa e a verbosidade típica da literatura. Para quem leu o livro e tem curiosidade de assistir a obra no teatro,

está tudo no palco”, explica o ator, ressaltando que “o que deixou de ser dito em palavras transmutou-se em imagens e sons”.

A encenação assume um caráter cinematográfico, apoiada em um acervo de fotos inéditas de Veneza daquela época e em uma trilha sonora assinada por Sacha Ambach, que evoca a mesma atmosfera da *Sinfonia nº 5* de Gustav Mahler (1901-1902), utilizada no clássico filme de Luchino Visconti (*Morte em Veneza*, 1971). “É uma trilha paradisíaca misturada com sons de navios, gôndolas e feirantes italianos que gritam; muitas coisas não são ditas, estão gravadas no pensamento do Aschenbach”, observa o intérprete. Em cena, ele está sozinho fisicamente, mas cercado por vozes gravadas e projeções de Tadzio, interpretado pelo ator Guilherme Cabral. “Tadzio ficou no meu imaginário, ele é a cegueira para mim. Ele não tem uma forma física no palco, mas a emoção me pega mesmo assim”, confessa Cordovani.

A ambientação na Veneza de 1911 também serve como um espelho provocativo para os dias atuais, especialmente no que diz respeito ao negacionismo e às aparências, traçando um paralelo direto entre a peste de cólera da época e a história recente. “O texto fala do quanto as autoridades locais camuflavam a peste, para que o turismo não fosse abalado; assim como o protagonista aceita ser contaminado pela doença, porque Tadzio não vai embora da

cidade; situações semelhantes ao período da pandemia de Covid-19, quando políticos negaram o que estava ocorrendo”. Além da crise sanitária, a peça discute o etarismo e o sofrimento de quem vive para agradar os outros. “Aschenbach chega ao fim quase como um *clown*, passando *rouge* e tinta na face; naquela época os homens se maquiavam para rejuvenescer, assim como muitas pessoas hoje até morrem em mesa de operação cirúrgica, fazem botox etc.”

Já o figurino de Reinaldo Machado e o cenário de Karrys Aldalbalde sublinham a transformação interna do protagonista. Aschenbach inicia a peça com a rigidez germânica de um fidalgo, vestido em tons escuros e terno impecável, mas, ao chegar à Itália, sua armadura começa a ceder. O cinza dá lugar ao branco, ao creme e ao chapéu Panamá, revelando um homem que se “italianizou” enquanto a cidade apodrece sob a epidemia de cólera.

O ator pontua que a montagem é, acima de tudo, um mergulho em um ‘armário’ existencial e na solidão humana. Cordovani destaca que a peça toca em temas latentes como o preconceito e a repressão, lembrando que o próprio Thomas Mann enfrentou tragédias familiares ligadas à sexualidade de seus filhos. Para o ator, a morte de Aschenbach “não é um fim trágico, mas um elemento de libertação, uma excitação pelo novo que permite o encontro eterno com o belo”. Segundo ele, essa densidade provoca um fenô-

meno raro nas plateias: o silêncio absoluto após o fechamento das cortinas. “Nas primeiras apresentações, quando terminava, ninguém aplaudia de imediato, ficavam todos ainda impactados. As pessoas demoravam para voltar à realidade, era quase uma sessão de terapia. Passei a colocar a palavra ‘fim’ no telão para que após a catarse viessem os aplausos”, revela. Com uma fonte real em cena que traz o som da água e o frescor de Veneza, o espetáculo promete ainda ser uma experiência sensorial onde o público não é apenas espectador, mas cúmplice de uma jornada de autodescoberta que prova que, “no limite da existência, é possível finalmente morrer feliz”.

VINÍCIUS COIMBRA/DIVULGAÇÃO/JC



“De início, ninguém aplaudia no final”